

## III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



### PESQUISAS IBERO-AMEFRICANAS: APRENDIZADOS COM LÉLIA GONZALEZ EM MINHA TRAJETÓRIA FORMATIVA

GUILHERME JOSÉ SCHONS <sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho propõe a reflexão sobre as contribuições de Lélia Gonzalez para as pesquisas, na Graduação em História e no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS – *Campus* Erechim, desenvolvidas pelo autor. Assim, recorro ao pensamento da intelectual brasileira e a noções centrais dos seus estudos para, então, relacioná-los com os temas e os objetivos das minhas investigações relativas à literatura testemunhal como linguagem para a elaboração do trauma colonial no espaço do que foi o Império português. Diante disso, entendo a relevância de tais categorias para identificar a ibero-amefricanidade.

**Palavras-chave:** colonialidade; Ibero-América; literatura; testemunho; trauma.

#### INTRODUÇÃO

Lélia Gonzalez é quem me apresenta a um olhar possível diante das relações entre as duas margens do Atlântico. Ao propor a amefricanidade como categoria político-cultural, a intelectual, autora, ativista, professora, filósofa e antropóloga mineira me leva a pensar em investigações que busquem apreender os entrelaçamentos entre América e África e os sujeitos que resistem em ambos os territórios. Recorrendo ao arcabouço teórico-conceitual da psicanálise freudiana, ela remete a razões da ordem do inconsciente, as quais fazem com que o mundo europeu/branco seja assimilado como formador fundamental do Brasil, em detrimento da cultura negra que, em suas palavras (2020, p. 115), passa a ser “denegada” – ou seja, é recalcada de modo a constituir o “racismo à brasileira”.

Tais questões me ajudaram a pensar no Trabalho de Conclusão de Curso que desenvolvi no ambiente da Graduação em História, na UFFS – *Campus* Erechim, sob o título “Memórias de duas ditaduras ibero-amefricanas: Brasil, Moçambique e

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim. Graduado em História pela UFFS. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br.

## III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



Portugal nas escrituras pós-coloniais de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo” (Schons, 2024). Em meu projeto de pesquisa, a partir do tema da elaboração pública, na literatura testemunhal de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo, de memórias da ditadura civil-militar brasileira e do Estado Novo português em Moçambique enquanto regimes calcados na atualização do trauma colonial, me propus a analisar os distintos efeitos da colonialidade em ambos os países por meio das obras *Becos da memória* (2018) e *Caderno de memórias coloniais* (2010). Indo além, sigo dialogando com essa pensadora no projeto da minha dissertação de Mestrado, iniciado em agosto de 2024, no âmbito do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da UFFS.

### **METODOLOGIA**

Afirmo que o jovem homem branco, historiador e professor, que redige este resumo, busca apresentar conceitos, impactados pelo pensamento de Lélia, que nos auxiliam a interpretar os regimes citados enquanto reverberações de um passado mais amplo que conecta o mundo lusófono. À vista disso, pretendo aqui examinar e registrar de quais modos o pensamento dessa intelectual, mulher e negra está fomentando a minha trajetória formativa desde a Graduação em História até o Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas, ambos na UFFS.

### **DESENVOLVIMENTO/DISCUSSÃO**

Lélia pensa que o Brasil “é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Ladina” (2020, p. 115), de forma que todos os brasileiros seriam “ladino-amefricanos”. Tal compreensão tem lastro no contato de Gonzalez com as culturas negras de outros países americanos, em que ela percebeu similaridade. Aquilo que costuma ser minimizado como integrante de uma “cultura popular” (obviamente, em favor de uma classificada como “erudita”) ou do “folclore”, formaria, nesse raciocínio, o cerne de uma presença negra a conectar a América. Exemplo disso, é o “pretuguês”, que alude à marca da africanização do português falado no Brasil – processo comum no espanhol da região caribenha.

## III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



Muito me agrada essa chance de observação da negritude na construção cultural do continente americano e que direcionou a autora a uma abordagem mais ampla que permite o delineamento da amefricanidade como conceito viável para problematizarmos o racismo, o colonialismo, o imperialismo e os seus efeitos no tempo presente. Penso ainda nas implicações da escolha de Gonzalez por situar as diferenças dos mecanismos do racismo a partir da catalogação das sociedades de origem da colonização. No universo anglo-saxônico, o preconceito racial atuaria abertamente produzindo segregação – de forma que, se a pessoa negra é aquela com antepassados negros, a miscigenação seria o fenômeno a ser evitado.

Algo distinto embasaria as relações raciais na América de colonização espanhola e portuguesa: o racismo disfarçado, no qual prevalece o anseio por assimilação em prol de uma suposta “democracia racial”. Para compreender isso, Lélia recupera a formação histórica dos países ibéricos, que ocorreu a partir da luta, durante séculos, pela expulsão de islâmicos e negros (árabes e mouros) do seu território – os quais, de qualquer forma, tanto do ponto de vista racial quanto civilizacional, deixaram profundas marcas. Entre elas, segundo a minha pensadora de referência, uma consistente experiência de articulação das relações raciais. Logo, a América Latina seria a herdeira de um modelo hierárquico de classificação social, o qual dispensaria modos declarados de separação, uma vez que a superioridade dos brancos enquanto grupo dominante já estaria garantida.

Com isso, me deparo com as menções de Gonzalez à ideologia do branqueamento, ápice da denegação da formação cultural negra brasileira, já que por meio dela chega-se tanto ao desejo por “limpar o sangue” como ao apagamento da identidade racial da nação. Não obstante, ascende o questionamento da posição imperialista dos Estados Unidos representada em termos como “*afro-american*” (afro-americano) e “*african-american*” (africanoamericano), como se apenas existissem negros nas bandas da América do Norte e esse país fosse toda “a América”. Diz Lélia: “por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de amefricanos (“*amefricans*”) para designar a *todos nós*” (2020, p. 122, grifos da autora).

### III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



Extrapolando entraves territoriais, linguísticos e ideológicos, a categoria permitiria um entendimento mais profundo da América de forma completa – desde o Sul, o Centro, o Norte e as ilhas. Assim, a América abrangeria uma construção oriunda de modelos africanos e que denomina uma unidade específica em torno da “heroica resistência e a criatividade na luta contra a escravização, o extermínio, a exploração, a opressão e a humilhação” (Gonzalez, 2020, p. 124). Por meio disso, considero estar diante de um projeto de enfrentamento do esquecimento de uma história de etnocídio: de perda de uma identidade, que depois será reafirmada, de sofrimento, humilhação e exploração. À vista de tal percepção, concordo em absoluto com Lélia em relação à chance que temos de reconhecer o trabalho de resistência cultural “que não nos leva para o outro lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: *amefricanos*” (2020, p. 125, grifo da autora).

Não obstante, preciso pontuar que o trabalho de Conceição Evaristo, a qual considero minha colaboradora de pesquisa, é muito influenciado pelas ideias de Gonzalez. Ao tratar do horror da escravidão, Conceição recupera a figura da “Mãe Preta”, já formulada por Lélia no ensaio *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Nesse texto, a autora, com base na teoria psicanalítica, busca apresentar o racismo como sintoma da neurose cultural brasileira por meio de três imagens: a mulata, a doméstica e a mãe preta. Para ela, a ama negra desferiu uma rasteira na branquitude: ela é que exerceria a função materna no sentido da transmissão de valores que lhe dizem respeito – a branca é a outra. Assim, emergem duas noções: 1) de que essa mulher forma filhos que a negam e exploram; 2) enquanto resistência, os escravizados incitaram alterações na cultura do que seria o Brasil.

Seja como for, o fato é de que, em todas as noites, a “Mãe Preta” se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar e ninar os futuros senhores e senhoras – os quais nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando sobre ela e a sua descendência. Contudo, diz Conceição: se antes a sina dessa mulher negra era garantir que os escravocratas dormissem – mantendo o coma colonial –, as suas obras de literatura não podem ser lidas como histórias para “ninar os da casa-grande”: seu trabalho pretende incomodá-los em

## III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



seus sonos injustos por meio da “escrevivência” (definida como a ação que desfaz aquela imagem do passado). Portanto, a escrita – incluída a de Lélia a contribuir com os meus trabalhos – não é inocente: ela tem um propósito ético e político na história do tempo presente. O passado é doloroso, no entanto a ausência de elaboração/remissão a contrapelo (o esquecimento) leva a uma segunda vitória da barbárie colonial.

### CONCLUSÃO

Países de colonização portuguesa: um aspecto central no meu trabalho – e que está relacionado à sua opção por uma leitura das fontes a partir da teoria pós-colonial – é a constituição de uma espacialidade. Diante do argumento de Seligmann-Silva (2003) de que a memória é definida como local de construção de uma cartografia que busca mapear o passado, lembro de Gonzalez (2020, p. 118) ao propor o conceito de “ditaduras ibero-amefricanas” – uma vez que a chamada América Latina “na verdade, é muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa”.

Logo, defendo que tratar de um tema do universo ibero-amefricano implica uma postura política, epistemológica e ética perante os assuntos luso-afro-brasileiros. Portanto, planejo que viajemos pelo Atlântico e o Índico, desde o Sul ao Norte, percorrendo as histórias e as memórias de mulheres que testemunham por meio escritas de si/escrevivências que, no presente, nos ajudarão a articular os regimes recentes ao passado mais amplo da ferida colonial e analisar os distintos efeitos da colonialidade no Império português. Lélia participa decisivamente dessa travessia.

### REFERÊNCIAS

- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 4. ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

## III Seminário SER AFRO

Discussões étnico-raciais em evidência

21 DE NOVEMBRO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL



SCHONS, Guilherme José. **Memórias de duas ditaduras ibero-americanas:** Brasil, Moçambique e Portugal nas escrituras pós-coloniais de Conceição Evaristo e Isabela Figueiredo. 2024. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de História, *Campus* Erechim, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2024. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/7751>. Acesso em: 20 out. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura:** o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.